

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Letras e Linguística

REBECA FABRI RODRIGUES FREITAS

**A PARTÍCULA ‘SE’ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA:
uma proposta didática**

Uberlândia

2025

Rebeca Fabri Rodrigues Freitas

**A PARTÍCULA ‘SE’ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA:
uma proposta didática**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação
em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de
Língua Portuguesa, do Instituto de Letras e
Linguística da Universidade Federal de
Uberlândia, apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Lucinda
Meirelles

Uberlândia

2025

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me dar forças para ultrapassar os obstáculos encontrados no decorrer do meu curso, principalmente na escrita deste trabalho de conclusão.

À minha família, Neuzimar, Jeferson e João Vitor, que sempre me apoiam e torcem pelo meu sucesso, compreendem minhas ausências e se esforçam todos os dias para fazerem o sonho da graduação ser concretizado.

À minha rede de apoio, meus amigos, que me acompanharam na escrita deste trabalho e me incentivaram a todo momento, me dando ânimo para prosseguir. Obrigada, em especial, Marina, Gabriel, Isabella e Ana Clara.

Aos meus professores, pelos ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho nesta escrita e contribuíram, significativamente, na minha formação enquanto profissional.

Por fim, e não menos importante, à minha orientadora, Letícia Meirelles, que me apresentou o maravilhoso universo da semântica e ampliou o meu olhar do ensino de gramática na educação básica.

Sem vocês, isso não seria possível. Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta didática para o tratamento da partícula ‘se’ no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. O uso dessa partícula pode ser ilustrado por sentenças como: *a mulher se lavou* (‘se’ reflexivo); *o vaso se quebrou* (‘se’ incoativo); *a professora se sentou* (‘se’ médio). Com o intuito de verificar como o tema em questão é tratado no ensino regular, analisamos duas coleções de livros didáticos aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2024), pertencentes a duas editoras distintas – a coleção “Araribá Conecta Português”, da Editora Moderna, e a coleção “Teláris Essencial Português”, da Editora Ática – além do material didático adotado em uma escola particular, o Colégio Anglo. Observamos que, condizentemente ao preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os livros tratam dessa partícula apenas a partir do oitavo ano do Ensino Fundamental II e, seguindo a tradição gramatical, dentre os três tipos de ‘se’ apresentados anteriormente, mencionam apenas a existência do reflexivo, presente em sentenças como *a mulher se lavou*, com interpretação equivalente à sentença *a mulher lavou a si mesma*. Porém, esse não é o único tipo de ‘se’ existente em nossa língua, pois, na sentença *o vaso se quebrou*, o sujeito *o vaso* não quebra a si mesmo; e em *a professora se sentou*, embora o sujeito *a professora* seja o agente da ação de *sentar*, a partícula ‘se’ não pode ser interpretada como *si mesma*, uma vez que a frase **a professora sentou a si mesma* é agramatical. Portanto, existe uma lacuna no tratamento dessa partícula na Educação Básica o que nos levou a propor, baseadas nos estudos na área da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, uma possibilidade de tratamento didático, por meio de uma sequência de cinco exercícios, os quais objetivam tratar a diferença existente entre essas três formas, focando o conhecimento internalizado que o aluno já apresenta sobre sua língua materna. É importante frisar que tais exercícios levam o estudante a refletir sobre a forma e o uso do idioma, não se limitando a tarefas básicas de identificação e classificação dos termos da oração. Assim, seguindo a taxonomia de níveis de complexidade dos objetivos educacionais, proposta por Bloom et al. (1956) e ainda adotada na atualidade, propusemos atividades que trabalham saberes relacionados a domínios cognitivos intermediários e avançados, pois motivam a análise e aplicação de conhecimento, além da capacidade de generalização por parte do aluno.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Item lexical ‘se’; Livros didáticos; Sintaxe; Semântica.

ABSTRACT

This study presents a pedagogical proposal for addressing the lexical item ‘se’ in the teaching of Portuguese within Basic Education. The use of this item can be exemplified by sentences such as *a mulher se lavou* (reflexive ‘se’), *o vaso se quebrou* (inchoative ‘se’), and *a professora se sentou* (middle ‘se’). In order to investigate how it is treated in formal education, we analyzed two textbook collections approved by the *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD 2024), published by two different publishing houses – *Araribá Conecta Português*, from *Editora Moderna*, and *Teláris Essencial Português*, from *Editora Ática* – as well as the didactic material adopted in a private school, *Colégio Anglo*. Our analysis revealed that, in accordance with the guidelines established by the *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), these textbooks address the lexical item ‘se’ only from the eighth grade of lower secondary education onward. Moreover, following traditional grammar, from the three types of *se* previously mentioned, they refer exclusively to the reflexive, as in *a mulher se lavou*, which is interpreted as equivalent to *a mulher lavou a si mesma* (‘the woman washed herself’). However, this is not the only type of ‘se’ found in Portuguese. In the sentence *o vaso se quebrou*, the subject *o vaso* (‘the vase’) does not break itself; and in *a professora se sentou*, although the subject *a professora* (‘the teacher’) is the agent of the action of sitting, the item ‘se’ cannot be interpreted as “herself,” since the sentence **a professora sentou a si mesma* is ungrammatical. This indicates a gap in the treatment of this lexical item in Basic Education, which has led us to propose, drawing on research within the field of the Syntax–Lexical Semantics Interface, a possible pedagogical approach consisting of a sequence of five exercises. These exercises aim to elucidate the distinctions among the three uses of ‘se’, emphasizing the implicit linguistic knowledge that learners already possess regarding their mother language. It is important to highlight that the proposed activities encourage students to reflect critically on both the form and the use of language, moving beyond elementary tasks of identification and classification of sentence elements. In this way, and in line with the taxonomy of educational objectives proposed by Bloom et al (1956), still widely employed today, we propose activities that foster knowledge construction within intermediate and advanced cognitive domains, as they stimulate analytical and applicative reasoning, as well as learners’ ability to generalize linguistic phenomena.

Keywords: Teaching of Portuguese Language; Lexical item ‘se’; Textbooks; Syntax; Semantics

SUMÁRIO

Capítulo 1: apresentação da pesquisa	7
1. Introdução	7
1.1 Justificativa	8
1.2 Hipóteses e objetivos	8
1.3 Metodologia	8
Capítulo 2: referencial teórico	10
2.1 A partícula ‘se’ para a Gramática Tradicional	10
2.2 A Interface Sintaxe-Semântica Lexical	13
2.2.1 Os diferentes tipos de ‘se’ no PB de acordo com a Interface Sintaxe-Semântica Lexical	17
Capítulo 3: o tratamento da partícula ‘se’ na Educação Básica	20
3.1. Análise dos livros didáticos	20
3.1.1 Araribá Conecta Português	21
3.1.2 Teláris Essencial Português	24
3.1.3 Formação Geral Anglo - Caderno do Aluno 6	25
3.1.4 Conclusão das Análises	26
3.2 A proposta de Paraguassú (2024)	30
Capítulo 4: uma proposta didática para o tratamento da partícula ‘se’ na Educação Básica.....	36
Considerações finais	45
Referências	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Verbos pronominais segundo o livro Araribá Conecta Português	21
Figura 2: Conclusão sobre vozes verbais segundo o livro Araribá Conecta Português	22
Figura 3: Atividades do livro Araribá Conecta Português	23
Figura 4: Continuação das atividades do livro Araribá Conecta Português	23
Figura 5: Sujeito indeterminado segundo o livro Teláris Essencial Português	24
Figura 6: Voz passiva segundo o livro Teláris Essencial Português	25
Figura 7: Vozes reflexiva e recíproca segundo o livro Teláris Essencial Português	25
Figura 8: Atividades do livro Teláris Essencial Português	26
Figura 9: Funções do pronome ‘se’ segundo o livro Formação Geral Anglo	27
Figura 10: Atividades do livro Formação Geral Anglo	28
Figura 11: Continuação das atividades do livro Formação Geral Anglo	29
Figura 12: Atividade proposta por Paraguassú (2024)	33
Figura 13: Continuação das atividades propostas por Paraguassú (2024)	34
Figura 14: Constituintes recortados	39
Figura 15: Atividade 1	41
Figura 16: Atividade 2	42

CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que desenvolvemos tem como objeto de estudo o tratamento da partícula ‘se’ no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Como veremos mais adiante, essa partícula é comumente tratada como marcadora das vozes verbais, estando presente na voz reflexiva (ex.: *a menina se lavou*) e na voz passiva sintética (ex.: *vendem-se carros*).

Contudo, essa análise tradicional, encontrada nos livros didáticos, negligencia a ocorrência da forma ‘se’ em outros tipos de sentença, como mostramos a seguir:

- (1) O vaso de cristal se quebrou.
- (2) A menina se machucou com/em o acidente
- (3) A menina se sentou na beirada da cama.
- (4) A menina se mexia sem parar.

Em (1) e em (2), percebemos que os sujeitos das sentenças não praticam a ação proposta pelo verbo, ou seja, são sujeitos pacientes, o que, de acordo com a gramática tradicional, seria classificado como um tipo de ocorrência de voz passiva. Porém, é possível perceber que tais sentenças não correspondem à passiva sintética, pois a ordem sintática dos elementos não é a mesma desta, a saber *quebrou-se o vaso* e *machucou-se a menina*. Em (3) e em (4), o sujeito é agente, mas não realiza a ação sobre si mesmo, não sendo equivalente à voz reflexiva. A comprovação de tal afirmação é o fato de as sentenças **a menina sentou a si mesma* e **a menina mexia a si mesma* serem agramaticais¹. Além disso, em todos os exemplos de (1) a (4), a partícula ‘se’ pode ser omitida, diferentemente do que acontece na voz passiva sintética e na voz reflexiva. Vejamos isso a seguir:

- (5) O vaso de cristal quebrou.
- (6) A menina machucou com o acidente.
- (7) A menina sentou na beirada da cama.
- (8) A menina mexia sem parar.
- (9) *Quebrou o vaso. (agramatical na leitura da forma passiva sintética)

¹ De acordo com as análises em Linguística Gerativa, sentenças agramaticais são aquelas não realizadas na língua por apresentarem má formação sintática. Esse tipo de sentença vem sinalizado com asterisco.

(10) *A menina lavou. (agramatical em uma leitura reflexiva)

Os exemplos mostrados nesta seção deixam claro que existem mais tipos de ‘se’ do que aqueles estudados na Educação Básica e, por isso, propusemos um tratamento didático para eles, visando colaborar para a implementação de um ensino de maior qualidade, que contemple as ocorrências reais de nossa língua.

1.1 Justificativa

O ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica não é capaz de explicar os tipos de ocorrência da partícula ‘se’ mostrados anteriormente. Por isso, fazem-se necessárias a discussão acerca da abordagem tradicional dada a essa partícula e a construção de abordagens eficientes dos diferentes tipos de ‘se’ no português brasileiro (PB). É relevante investigar de que maneira a abordagem semântica da partícula ‘se’ pode contribuir para um ensino mais eficaz, que ultrapasse a memorização de nomenclaturas e favoreça a compreensão efetiva do funcionamento da língua.

1.2 Hipóteses e objetivos

A hipótese que defendemos neste trabalho é que o tratamento adequado da partícula ‘se’ possibilita uma melhor compreensão do funcionamento da língua por parte do aluno, tendo em vista a construção da identificação de diferentes funções que esse elemento desempenha nos enunciados, ampliando a capacidade de interpretação e de produção textual. Ao reconhecer as nuances semânticas e sintáticas do ‘se’, o estudante passa a compreender, com maior precisão, as relações entre sujeito, verbo e objeto, bem como os efeitos de sentido decorrentes dessas variações, desenvolvendo um domínio mais consciente e crítico de sua própria língua.

Diante disso, nosso objetivo é desenvolver uma proposta didática, com cinco exercícios, que vise o tratamento sistematizado da partícula ‘se’ nas aulas de Língua Portuguesa, de modo a integrar aspectos sintáticos e semânticos. Buscamos, assim, proporcionar aos alunos um aprendizado que vá além da memorização de classificações, favorecendo a compreensão do funcionamento da língua em diferentes contextos.

1.3 Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa com um escopo bibliográfico e documental, incluindo etapas de análise comparativa, focando o tratamento da partícula ‘se’

sob a perspectiva da gramática normativa, da Interface Sintaxe-Semântica Lexical e do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. O desenvolvimento metodológico seguiu estas etapas:

1. Análise de gramáticas normativas: examinamos quatro gramáticas tradicionais utilizadas no contexto escolar – Bechara (2009), Cegalla (2020), Cunha e Cintra (2016) e Rocha Lima (2010), com o objetivo de observar como cada autor descreve, classifica e exemplifica os usos da partícula ‘se’;

2. Análise da perspectiva linguística: observamos o tratamento da partícula ‘se’ especificamente no trabalho de Cançado e Amaral (2016), que se insere na linha da Interface Sintaxe-Semântica Lexical;

3. Consulta à Base Nacional Comum Curricular (BNCC): identificamos os anos da Educação Básica em que o estudo da partícula ‘se’ é previsto, visando compreender as orientações e expectativas de aprendizagem estabelecidas pelo documento oficial;

4. Exame de livros didáticos: selecionamos três livros didáticos de Língua Portuguesa, sendo dois aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e um utilizado em uma instituição privada;

5. Comparação entre abordagens: realizamos uma análise comparativa entre o exposto nas gramáticas, nos livros didáticos e nas pesquisas linguísticas, destacando convergências, divergências e lacunas no tratamento da partícula ‘se’;

6. Elaboração de proposta didática: elaboramos uma sequência didática que busca o tratamento intuitivo e sistematizado da partícula ‘se’.

Tendo explicitado nosso objeto de pesquisa, nossa hipótese, nossos objetivos, a justificativa para a realização do nosso trabalho e a metodologia de pesquisa adotada, no próximo capítulo, apresentamos o referencial teórico que norteou nossa análise e nossa proposta didática.

CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, mostraremos como a partícula ‘se’ é tratada pela Gramática Tradicional e pelos trabalhos na Interface Sintaxe-Semântica Lexical, fazendo uma comparação entre as duas perspectivas.

2.1 A partícula ‘se’ para a Gramática Tradicional

A partícula ‘se’ possui várias funções na língua portuguesa, por isso é um tema recorrente na análise tradicional. Entender como e por que ela aparece exige olhar para a sintaxe, mas também para o sentido da frase. Esta seção tem como objetivo, portanto, analisar o tratamento que as gramáticas oferecem a essa partícula, ressaltando suas classificações e usos. Para tanto, observamos a forma como as gramáticas *Moderna Gramática de Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009), *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Cegalla (2020), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2016), e *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2010), abordam o funcionamento da partícula ‘se’ no PB. Mostraremos as semelhanças – uma vez que existem muitos pontos em comum nas abordagens presentes nessas gramáticas –, diferenças e eventuais lacunas existentes.

Os gramáticos em questão propõem as classificações listadas a seguir para o item lexical ‘se’ no PB.

(i) Pronome ‘se’ na construção reflexa/reflexiva: nessa ocorrência, os autores evidenciam a presença de um sujeito que é agente e paciente ao mesmo tempo, o que significa que a ação veiculada pelo verbo recai duas vezes sobre o sujeito; ele “sofre” e “pratica” a ação simultaneamente.

(11) João se banha.

(Bechara, 2009, p. 210)

Bechara (2009) ainda afirma que, a partir do português contemporâneo (séc. XVIII em diante), surgiu a possibilidade de se substituir o pronome reflexivo ‘se’ pelas expressões *si mesmo/mesma* e *ele próprio/ela própria*:

(12) João ama a si mesmo.

(13) Perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também a ela própria.

(Bechara, 2009, p. 213)

(ii) Pronome ‘se’ na construção reflexa-recíproca: diferentemente da construção reflexiva, na reflexa-recíproca, a ação indicada pelo verbo é mútua, ocorrendo entre dois ou mais sujeitos. Isso significa que esses sujeitos “praticam” e “recebem” a ação simultaneamente uns sobre os outros. Essa estrutura, geralmente, é marcada por pronomes oblíquos, como *se*, *nos* e *vos*, que possuem o sentido da expressão “um ao outro”/“entre si”. Cegalla (2020) reforça o fato de os verbos ligados à construção reflexa-recíproca estarem, geralmente, no plural, como mostra o exemplo a seguir.

(14) Amam-se como irmãos.

(Cegalla, 2020, p. 221)

O autor ainda demonstra a substituição do pronome pela expressão “um ao outro”, sendo, portanto, uma evidência dessa classificação: *amam um ao outro como irmãos*.

(iii) Pronome ‘se’ como partícula apassivadora (voz passiva): quando o *se* está junto a um verbo transitivo direto, ou bitransitivo, há uma ocorrência de voz passiva, conhecida como voz passiva sintética. Nesse caso, o sujeito é sempre paciente, ou seja, apenas “recebe” a ação indicada pelo verbo.

(15) Vê-se uma rosa neste jardim.

(Cunha; Cintra, 2016, p. 399)

Para a análise tradicional, *uma rosa*, na frase em (15), é considerada como sujeito verbal posposto, pois podemos transformar a sentença em uma forma passiva analítica: *uma rosa é vista neste jardim*².

² Camacho (2000) e Sanchez-Mendes (2024) apontam para o fato de não existir um ‘se’ apassivador no PB, uma vez que interpretamos frases desse tipo como sentenças impessoais, na qual não se tem um sujeito sintaticamente

(iv) Pronome ‘se’ como índice de indeterminação do sujeito: o pronome *se* atua como índice de indeterminação do sujeito quando está junto de verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, obrigatoriamente na terceira pessoa do singular, indicando que o agente da ação existe, mas é desconhecido. Vejamos os exemplos encontrados em Rocha Lima (2010, p. 289):

(16) Vive-se bem aqui → o verbo da oração encontra-se na terceira pessoa do singular e é um verbo intransitivo.

(17) Precisa-se de professores → o verbo da oração encontra-se na terceira pessoa do singular e é um verbo transitivo indireto.

Bechara (2009), aborda uma outra classificação para o ‘se’, que não aparece nas demais gramáticas analisadas. O autor ainda classifica essa partícula enquanto formadora da voz média, que, segundo ele, diz respeito a sentenças que descrevem uma ação que recai sobre o próprio sujeito, sem que haja um agente externo explícito. Vejamos um exemplo dessa ocorrência:

(18) O banco só se abre às dez horas.

(Bechara, 2009, p. 211)

Entretanto, essa classificação é problemática, pois Bechara afirma que a voz média equivale à voz passiva com o ‘se’, ou seja, às formas passivas sintéticas. Em suas palavras, “banco é um sujeito constituído por substantivo que, por ser inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como ‘passiva’: é o que a gramática chama ‘voz média’ ou ‘passiva com se’” (Bechara, 2009, p. 211). Porém, embora a interpretação dos sintagmas nominais *o banco*, em *o banco só se abre às dez horas*, e *uma rosa*, na sentença, *vê-se uma rosa neste jardim*, sejam de elementos que “recebem” a ação verbal, o autor não se atenta para o fato de que, na segunda sentença, *uma rosa* ocorre necessariamente na posição pós-verbal, uma vez que a forma **uma rosa se vê neste jardim* é agramatical. Por outro lado, ao colocarmos o sintagma nominal *o banco* em posição pós-verbal (*abre-se o banco às dez horas*), parece haver uma mudança de significado, de modo que passamos a interpretar essa

expresso. Como o foco de nosso trabalho não abrange a discussão a respeito desse tipo de ‘se’, recomendamos ao leitor a leitura dos trabalhos dos autores mencionados.

sentença como uma forma com sujeito indeterminado, como apontam os trabalhos de Camacho (2000) e Sanchez-Mendes (2024).

Tendo exposto o tratamento dado pela análise tradicional à partícula ‘*se*’ no PB, na próxima seção, mostraremos qual a visão dos trabalhos na Interface Sintaxe-Semântica Lexical para os diferentes tipos de ‘*se*’ em nossa língua, focando a resolução da questão daquilo que Bechara (2009) denomina de voz média.

2.2 A Interface Sintaxe-Semântica Lexical

A Interface Sintaxe-Semântica Lexical é uma área de pesquisa que parte do pressuposto de que a semântica dos itens verbais influencia o seu comportamento sintático. O primeiro autor a propor isso foi Fillmore (1970), *apud* Cançado e Amaral (2016), ao comparar verbos do inglês do tipo *break* ‘quebrar’ a verbos do tipo *hit* ‘atingir’. Ele percebeu que enquanto *break* exibe uma forma transitiva (*the stone broke the glass* ‘a pedra quebrou o vidro’) e uma intransitiva (*the glass broke* ‘o vidro quebrou’), o mesmo não acontece com *hit*, o qual apresenta apenas a forma transitiva: *the stone hit the glass* ‘a pedra atingiu o vidro’ x **the glass hit* (*o vidro atingiu). Fillmore (1970) relaciona essa diferença de comportamento sintático à diferença de sentido que existe entre esses dois verbos: enquanto *break* ‘quebrar’ denota o sentido de mudança de estado, *hit* ‘atingir’ não o faz. Por isso, podemos dizer uma sentença do tipo *the glass became broke* ‘o vidro ficou quebrado’, mas é agramatical dizer **the glass became hit* ‘*o vidro ficou atingido’. Essa possibilidade de variação da transitividade verbal motivada pela semântica dos verbos é conhecida como alternância verbal, e a variação específica que ocorre com os verbos do tipo *quebrar* é chamada de alternância causativo-incoativa.

Cançado, Godoy e Amaral (2013) mostram que a mesma análise é válida para os verbos do PB, uma vez que itens lexicais como *quebrar*, *amassar*, *rasgar*, entre vários outros (são 436 verbos), denotam o sentido de mudança de estado e, por isso, participam da alternância causativo-incoativa. Por outro lado, verbos como *atingir*, *chicotear*, *beijar*, entre muitos outros, não participam de tal alternância por não denotarem o sentido em questão, como podemos ver a seguir:

(19) a. A queda quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

(20) a. A batida amassou a traseira do carro.

- b. A traseira do carro amassou.
- (21) a. O puxão rasgou a camisa da moça.
b. A camisa da moça rasgou.
- (22) a. A pedra atingiu a árvore.
b. *A árvore atingiu.
- (23) a. O fazendeiro chicoteou o lombo do cavalo.
b. *O lombo do cavalo chicoteou.
- (24) a. O menino beijou a bochecha da menina.
b. * A bochecha da menina beijou.

Por denotarem o sentido de mudança de estado, ainda podemos dizer que *o vaso ficou quebrado, a traseira do carro ficou amassada e a camisa da moça ficou rasgada*. De modo contrário, por não veicularem tal sentido, os verbos *atingir, chicotear e beijar* não aceitam essa construção sintática: **a árvore ficou atingida; *o lombo do cavalo ficou chicoteado; *a bochecha da menina ficou beijada*.

Assim, Cançado, Godoy e Amaral (2013) postulam a existência de uma classe de verbos de mudança de estado no PB, composta por 436 verbos que participam da alternância causativo-incoativa. As autoras ainda notam que, no PB, a forma intransitiva (incoativa) desses itens verbais pode vir acompanhada da partícula ‘se’, como mostramos a seguir:³

- (25) a. O vaso se quebrou.
b. A traseira do carro se amassou.
c. A camisa da moça se rasgou.

Elas também mostram que a causa desses eventos pode vir expressa em adjunção por meio de um sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *com*:

- (26) a. O vaso (se) quebrou com a queda⁴.

³ Cançado, Amaral e Godoy (2013) também chamam a atenção para o fato de o uso da partícula ‘se’ incoativa variar de acordo com os diferentes dialetos do PB, sendo mais presente na região Sul do país, enquanto, em Minas Gerais, a tendência é a queda do clítico.

⁴ Colocamos a partícula ‘se’ entre parênteses para evidenciar a sua opcionalidade.

- b. A traseira do carro (se) amassou com a batida.
- c. A camisa da moça (se) rasgou com puxão.

Para descrevermos melhor o que se passa nas sentenças em (26), vamos nos valer da noção de predicação verbal. Na Interface Sintaxe-Semântica Lexical, assim como para a Sintaxe Gerativa, os verbos são considerados itens insaturados, ou seja, que não possuem sentido completo, sendo chamados de itens predicadores. Todo item predicador pede outros elementos para completar seu sentido, os quais são chamados de argumentos. Assim, em sua forma básica, o verbo *quebrar* pede dois argumentos para ter seu sentido completo: um que ocupa a posição sintática de sujeito, também chamado de argumento externo, e outro que ocupa a posição sintática de objeto, chamado de argumento interno. Desse modo, na sentença *a queda quebrou o vaso*, *a queda* corresponde ao argumento externo e *o vaso*, ao interno. Além de precisarem de argumentos para completar seu sentido, os itens predicadores também atribuem funções semânticas a esses argumentos, chamadas de papéis temáticos. Segundo Cançado e Amaral (2016), existem vários papéis temáticos atribuídos pelos verbos aos seus argumentos, mas neste trabalho, nos interessam apenas quatro, os quais definiremos abaixo, seguindo a proposta das autoras e de Cançado, Amaral e Meirelles (2022).

- Papel de Agente: desencadeador de uma ação, capaz de agir com controle.

Ex.: **A atleta** correu.

(Cançado e Amaral, 2016, p. 43)

- Papel de Causa: desencadeador de uma ação, sem controle.

Ex.: **O sol** queimou a plantação.

(Cançado e Amaral, 2016, p. 43)

- Papel de Paciente: entidade que sofre o evento de uma ação, havendo mudança de estado.

Ex.: O João quebrou **o vaso**.

(Cançado e Amaral, 2016, p. 43)

- Papel de Objeto Afetado: entidade afetada por uma ação, sem acarretar mudança de estado correlata ao verbo

Ex.: O Ricardo martelou **o prego**.

(Cançado, Amaral e Meirelles, 2022. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=verboweb&lang=1&page=1461&menu=806&tipo=1. Acesso em 06/08/2025.)

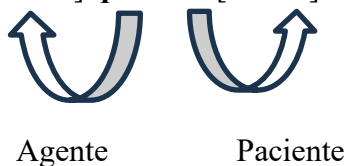
Portanto, podemos perceber que a diferença crucial entre o papel de Paciente e o de Objeto Afetado reside na ausência ou presença de mudança de estado correlata ao sentido do verbo. O argumento interno de *quebrar* recebe o papel temático de Paciente, pois muda de estado, passando a *ficar quebrado*. Já o argumento interno de *martelar* não muda de estado, pois não podemos dizer que **o prego fica martelado*.

Assim, segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013) e Cançado, Amaral e Meirelles (2022), os verbos da classe de mudança de estado (*quebrar*, *amassar*, *rasgar*, etc) atribuem o papel temático de Paciente para o seu argumento interno e de Causa para o externo. Porém, eles também podem atribuir o papel de Agente para este argumento, como mostramos a seguir:

(27) a. [A queda] **quebrou** [o vaso].

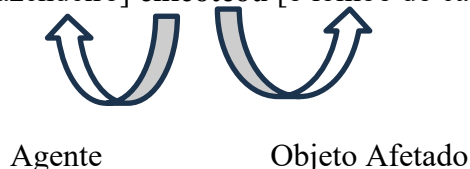


b. [O menino] **quebrou** [o vaso] intencionalmente.



Por outro lado, verbos como *atingir*, *chicotear* e *beijar*, que não pertencem à classe de mudança de estado, não atribuem o papel temático de Paciente aos seus argumentos internos, mas de Objeto Afetado. Já o argumento externo desses verbos recebe apenas o papel de Agente:

(28) [O fazendeiro] **chicoteou** [o lombo do cavalo].



Retomando a alternância causativo-incoativa e os exemplos em (26), agora podemos entender que, na forma transitiva dos verbos de mudança de estado, ambos os argumentos verbais estão presentes (Causa e Paciente ou Agente e Paciente), enquanto na forma intransitiva, apenas o argumento Paciente permanece, passando a ser realizado como sujeito do verbo. Essa forma ainda pode vir acompanhada do argumento Causa reconfigurado sintaticamente na posição de adjunto, sendo introduzido pela preposição *com*.

- (29) a. A queda quebrou o vaso. → Causa e Paciente expressos como sujeito e objeto
 b. O vaso (se) quebrou. → Apenas Paciente expresso na posição de sujeito
 c. O vaso (se) quebrou com a queda. → Paciente expresso na posição de sujeito e Causa na posição de adjunto.

Para Cançado e Amaral (2016), o ‘se’ da forma intransitiva dos verbos é a marca da queda do argumento externo, o que também seria uma evidência de que essa é a forma derivada por meio de mecanismos sintáticos-semânticos, enquanto a forma transitiva é a básica, que origina a intransitiva. As autoras propõem isso baseadas em Haspelmath (1993), segundo o qual a forma sintática derivada costuma ser morfologicamente marcada. Assim, o ‘se’ da forma intransitiva dos verbos é uma marca morfológica da alternância causativo-incoativa, sendo chamado, portanto, de ‘se’ incoativo.

Porém, Cançado e Amaral (2016) ainda apontam a existência de outros tipos de partícula ‘se’ no PB, os quais se diferem tanto semântica quanto sintaticamente. A seguir, explicitaremos cada um deles.

2.2.1 Os diferentes tipos de ‘se’ no PB de acordo com a Interface Sintaxe-Semântica Lexical

Para Cançado e Amaral (2016, p. 71 e 72), há pelo menos seis tipos de ‘se’ no PB. São eles:

- (30) a. A menina se lavou. → reflexivo
 b. As meninas se lavaram. → reflexivo ou recíproco
 c. A menina (se) arrependeu. → inerente
 d. Machucou-se a menina. → voz passiva sintética.
 e. Fala-se da menina por aí. → índice de indeterminação do sujeito
 e. O vaso (se) quebrou. → incoativo
 f. A menina (se) sentou. → médio

O tratamento dado ao ‘se’ reflexivo e ao recíproco é bem semelhante ao tratamento dado pela Gramática Tradicional, porém as autoras deixam claro que, em ambos os casos, a partícula ‘se’ tem caráter argumental, isto é, funciona como o argumento interno do verbo, desempenhando a função sintática de objeto. Isso faz com que essa partícula não possa ser apagada, além de poder ser substituída por outros pronomes reflexivos: *a menina lavou a si mesma* (reflexivo); *as meninas lavaram a si mesmas* (reflexivo) ou; *as meninas lavaram umas às outras* (recíproco).

O ‘se’ inerente diz respeito àqueles verbos que já vem introduzidos com essa partícula no dicionário, sendo, segundo as autoras, uma espécie de resquício histórico do português antigo.

Cançado e Amaral (2016) também se valem da análise tradicional para mostrar os tipos de ‘se’ presentes em (30d) e (30e). Porém, seguindo o trabalho de Camacho (2000), *apud* Cançado e Amaral (2016), elas apontam que não parece haver distinção de interpretação dessas duas formas, de modo que ambas seriam um mecanismo de impessoalização. Assim, por meio do trabalho das autoras e também da proposta de Sanchez-Mendes (2024), podemos perceber que a Gramática Tradicional classifica o ‘se’ da sentença em (30d) como partícula apassivadora pelo fato de *a menina* ter uma interpretação de paciente do evento de *machucar*. A tradição gramatical relaciona essa interpretação e o fato de o verbo ser transitivo direto à voz passiva, enquanto verbos transitivos indiretos não podem ser relacionados a essa voz. Porém, esse tipo de associação foi refutada por Bechir (2020), a qual mostra que verbos transitivos indiretos aceitam a voz passiva, mesmo que não estejam de acordo com as normas gramaticais. Vejamos os exemplos a seguir:

- (31) a. Lula reclamou bastante da imprensa, chegando a afirmar que **foi judiado**.

(Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1376478-5601-413,00.html>. Acesso em 06/08/2025)

b. O Cenário econômico no Brasil **foi discorrido** pelo sócio fundador da FG/A, Juliano Merlotto.

(Disponível em: <https://abraceel.com.br/clipping/2019/05/entidades-representativas-realizam-o-1o-seminario-sobre-mercado-livre-de-energia-em-sertaozinho-sp/>. Acesso em: 06/08/2025)

Portanto, em nosso trabalho, concordamos com os apontamentos de Camacho (2000), de Cançado e Amaral (2016) e de Sanchez-Mendes (2024) no que diz respeito ao caráter impessoal de ambas as sentenças em (30d) e (30e), mas não nos aprofundaremos no assunto, uma vez que nosso foco é tratar as diferenças entre o ‘se’ reflexivo, o incoativo e o médio.

O ‘se’ incoativo foi explicado na seção anterior e corresponde à marca morfológica que evidencia o caráter derivado da forma intransitiva (incoativa) dos verbos de mudança de estado. É importante ressaltar que, como apontam Cançado e Amaral (2016), essa partícula não tem caráter argumental e, por isso, pode ser facilmente apagada sem gerar prejuízo para a formação ou para o entendimento da sentença.

Para finalizar, vejamos o ‘se’ médio. Segundo as autoras, ele tem uma espécie de interpretação reflexiva, mas não possui caráter argumental. Isso quer dizer que quando dizemos que *a menina se sentou*, entendemos que ela pratica um tipo de ação com e sobre seu próprio corpo, mas não entendemos que **a menina sentou a si mesma*. É pelo fato de não possuir caráter argumental que esse ‘se’ não pode ser substituído por um pronome, como *si mesma*, e pode ser facilmente apagado: *a menina sentou*. Além disso, segundo Amaral (2015), *apud* Cançado e Amaral (2016), esse tipo de ‘se’ só ocorre com verbos que denotam algum tipo de movimento, como *sentar*, *mexer* (*a menina se mexeu*), *levantar* (*a menina se levantou*), *deitar* (*a menina se deitou*), etc.

Interessantemente, como vimos na seção 2.1, Bechara (2009) propõe a existência de uma voz média que apresenta a partícula ‘se’. O exemplo dado pelo autor é *o banco só se abre às dez horas*, no qual *o banco* é interpretado como paciente da ação. Porém, ao analisarmos essa sentença, percebemos que esse ‘se’ equivale ao incoativo, sendo interpretado como “o banco fica aberto a partir das 10 horas”. Portanto, neste trabalho, o que chamamos de ‘se’ médio corresponde ao proposto por Cançado e Amaral (2016): a partícula ‘se’, com caráter não argumental, que ocorre com verbos intransitivos com sujeito interpretado como agente da ação.

Neste ponto, terminamos de explicar o referencial teórico que norteou nossa proposta didática.

CAPÍTULO 3: O TRATAMENTO DA PARTÍCULA ‘SE’ NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Neste capítulo, mostraremos como a partícula ‘se’ é tratada nos livros didáticos empregados na Educação Básica e também uma proposta de tratamento, para aplicação no ensino regular, desenvolvida pela linguista Luciana Amaral Paraguassú (2024), explicitando os problemas ainda existentes.

3.1. Análise dos livros didáticos

O tratamento do ‘se’ nos livros didáticos de Língua Portuguesa mostra como a língua é ensinada seguindo a tradição gramatical. Como essa partícula cumpre várias funções e ainda confunde alunos e, inclusive, os próprios professores, é importante ver como os autores explicam e exemplificam seu uso.

Consoante à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as habilidades relativas às vozes verbais são desenvolvidas a partir do 8º ano do Ensino Fundamental II. Para a BNCC, é necessário que o aluno compreenda, ao produzir um texto, a utilização das sentenças em voz passiva e voz ativa. Entretanto, nada se fala acerca da *voz reflexiva* nem sobre a *voz média*, citada por gramáticos como Bechara (2009), visto capítulo anterior, e Said Ali (1964), o qual abordaremos mais adiante. Vejamos a seguir um fragmento desse documento.

(EF08LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva).

(...)

(EF08LP14) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

(Brasil, 2018, p. 191)

Porém, diferentemente do exposto na BNCC, a maioria dos livros didáticos aborda a existência da voz reflexiva, trabalhando com a ocorrência de três vozes: a ativa, a passiva e a reflexiva.

Nesta seção, serão expostos e analisados livros didáticos adotados no Ensino Fundamental II e Ensino Médio para identificar a abordagem, a linguagem e o nível de detalhe destinado à partícula ‘se’. A intenção é verificar até que ponto esses materiais ajudam os estudantes a entender esse item lexical de modo claro e prático, bem como questionar possíveis lacunas e equívocos encontrados. A escolha dos livros se baseou no fato de dois serem aprovados pelo Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e de o outro fazer parte do material utilizado no colégio em que cursei meu Ensino Médio. Vale destacar que analisamos esse último livro, observando a publicação mais recente e atualizada, encontrada no portal do aluno do Colégio ABC Anglo, na cidade de Patrocínio, Minas Gerais. Dessa forma, os livros didáticos adotados nesta análise são *Aribabá Conecta Português*, da editora Moderna (PNLD 2024), voltado aos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II; *Teláris Essencial Português*, da editora Ática (PNLD 2024), do 8º ano do Ensino Fundamental II; *Formação Geral Anglo - Caderno do Aluno 6* (2021), destinado à segunda série do Ensino Médio.

Passemos às análises.

3.1.1 Araribá Conecta Português

No livro voltado ao 8º ano do Ensino Fundamental II, é aprofundado o estudo da classe gramatical ‘verbo’, apresentando os verbos chamados de pronominais – aqueles que aceitam ou exigem pronomes oblíquos átonos. Vejamos um trecho printado do próprio livro:

Figura 1: Verbos pronominais segundo o livro Araribá Conecta Português

■ **Verbo pronominal**

Leia:

O verbo pronominal é aquele que exige ou aceita um **pronome oblíquo átono** de mesmo número e pessoa do sujeito ao qual se refere.

Veja:

sujeito na 3ª pessoa do singular

O homem quis **aferrar-se** a esta hipótese [...]

pronome oblíquo átono de 3ª pessoa do singular

Alguns exemplos de verbos pronominais são: **queixar-se, enganar-se, aborrecer-se** etc.

► **Observação**

Há verbos usados apenas na forma pronominal (por exemplo: “Eu **me** queixei de dor nas costas.”), e há aqueles usados também na sua forma simples (por exemplo: “Ele **se** debateu durante o pesadelo.”; “Ele **debateu** o assunto com maestria”). Perceba que, nesses casos, o verbo **debater** apresenta sentidos diferentes.

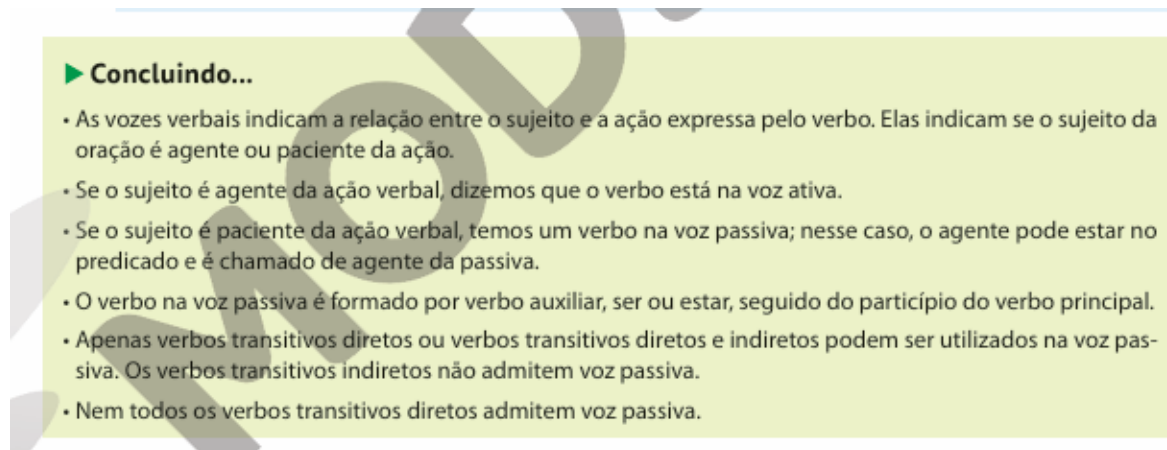
Vale lembrar que os pronomes oblíquos átonos são aqueles que estão sempre ligados ao verbo, podendo assumir as funções sintáticas de objeto direto (ex.: *Paulo me ama*; *Ele se ama*) e objeto indireto (ex.: *Ele gosta de mim*).

Neste ponto, chamamos a atenção para o fato de o livro não abordar essas possíveis funções sintáticas nem tão pouco dizer que os pronomes que ocorrem junto aos verbos apresentados não as exercem nesses contextos, além de também não possuírem nenhum papel semântico. É fato que, ao acompanhar um verbo pronominal (ex.: *ele se queixou de dor nas costas*), a partícula ‘se’ não possui uma função sintática própria, mas fica o entendimento de que, em geral, os pronomes oblíquos átonos se comportam dessa forma.

Um pouco mais a frente, na unidade 5, os autores abordam as vozes verbais. A voz passiva, todavia, é mostrada apenas na forma analítica, ou seja, com a formação ser + particípio. A forma sintética, conhecida pela presença da partícula ‘se’, não é sequer mencionada. A ideia, então, de que o ‘se’ apenas acompanha um verbo pronominal, vista em uma unidade anterior, não é alterada. A voz reflexiva também não é abordada pelos autores.

O livro conclui o ensino das vozes verbais com a seguinte esquematização:

Figura 2: Conclusão sobre vozes verbais segundo o livro Araribá Conecta Português



► Concluindo...

- As vozes verbais indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Elas indicam se o sujeito da oração é agente ou paciente da ação.
- Se o sujeito é agente da ação verbal, dizemos que o verbo está na voz ativa.
- Se o sujeito é paciente da ação verbal, temos um verbo na voz passiva; nesse caso, o agente pode estar no predicado e é chamado de agente da passiva.
- O verbo na voz passiva é formado por verbo auxiliar, ser ou estar, seguido do particípio do verbo principal.
- Apenas verbos transitivos diretos ou verbos transitivos diretos e indiretos podem ser utilizados na voz passiva. Os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva.
- Nem todos os verbos transitivos diretos admitem voz passiva.

(Paiva, 2022, p. 172)

É importante destacar que ainda analisamos o livro voltado ao 9º ano do Ensino Fundamental II, mas não encontramos nenhuma abordagem da partícula ‘se’ enquanto formadora de voz passiva, como pronome reflexivo, ou, ainda, como índice de indeterminação de sujeito.

Vejamos alguns dos exercícios propostos pelo livro relativo ao 8º ano do Ensino Fundamental II:

Figura 3: Atividades do livro Araribá Conecta Português

4. No texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao final do preâmbulo, temos o verbo proclamar na voz ativa.

Agora portanto a Assembleia Geral **proclama** a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos [...].

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 22 mar. 2022.

- Escreva essa oração na voz passiva, lembrando que o verbo está no presente do indicativo.
4. Agora, portanto, a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos é proclamada pela Assembleia Geral.

170

(Paiva, 2022, p. 170)

Figura 4: Continuação das atividades do livro Araribá Conecta Português

5. Leia a tirinha de Fernando Gonsales.

Faça as atividades no caderno.



GONSALES, Fernando. *Botando os bofes de fora*. São Paulo: Devir, 2002. p. 44.

- a. Podemos dizer que, nessa tirinha, a borboleta foi atraída e traída. Por quê? **5. a)** Foi atraída pelo cheiro de rosas e traída porque não eram rosas, mas sim incenso.
- b. No primeiro quadrinho, temos a imagem de uma borboleta em *close* e uma legenda generalizando uma característica das borboletas. O que mais chama a atenção nessa frase: "borboletas" ou "cheiro das flores"? **5. b)** "Borboletas", porque está no início da frase, em destaque.
- c. O verbo principal é **atrair**. Quem faz essa ação verbal? **5. c)** O cheiro das flores.
- d. A frase do primeiro quadrinho apresenta verbo na voz ativa ou na voz passiva? **5. d)** Na voz passiva.
- e. Observe que nessa tirinha o verbo está no tempo presente, porque essa afirmação apresenta uma verdade universal. Por que o verbo está conjugado na 3ª pessoa do plural? **5. e)** Porque o sujeito "borboletas" está no plural e o verbo concorda com ele.
- f. De fato, quem atraiu essa borboleta foi o incenso de rosas. Em seu caderno, escreva uma frase com o verbo na voz passiva para expressar o que ocorreu com a borboleta. **5. f)** A borboleta foi atraída pelo incenso de rosas.

► O agente não é sujeito!

O agente da passiva, em geral, vem introduzido pela preposição **por**, que pode aparecer combinada com artigos definidos: **pelo, pelos, pela, pelas**.

(Paiva, 2022, p. 171)

Podemos perceber, em ambos os exercícios, que o objetivo principal é apenas identificar as construções passiva e ativa, trabalhando com mecanismos de transformação. Nada é mencionado sobre o porquê da escolha de uma ou outra voz verbal nem tão pouco sobre a existência da partícula ‘se’ nas vozes verbais.

Passemos, agora, para a descrição do segundo livro analisado.

3.1.2 Teláris Essencial Português

Na unidade 3, do livro referente ao 8º ano do Ensino Fundamental II, ao abordar os tipos de sujeito, a partícula ‘se’ é posta como um índice de indeterminação do sujeito. Vejamos o *print* a seguir:

Figura 5: Sujeito indeterminado segundo o livro Teláris Essencial Português

A construção de orações com sujeito indeterminado pode ser feita de duas maneiras.

- Uso do verbo na 3ª pessoa do plural, sem um antecedente no contexto. Exemplos:

Ligaram para casa hoje cedo e **deixaram** um recado para você.
Roubaram o depósito do supermercado e não **deixaram** pistas.

- Uso da partícula *se* com determinados tipos de verbo na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

verbo na 3ª pessoa do singular

Vive-se melhor em Lisboa do que em Nova Iorque.

partícula *se*

verbo na 3ª pessoa do singular

Precisa-se de motoristas com experiência comprovada em carteira.

partícula *se*

Atenção

Nesses casos, a forma verbal está sempre na 3ª pessoa do singular.

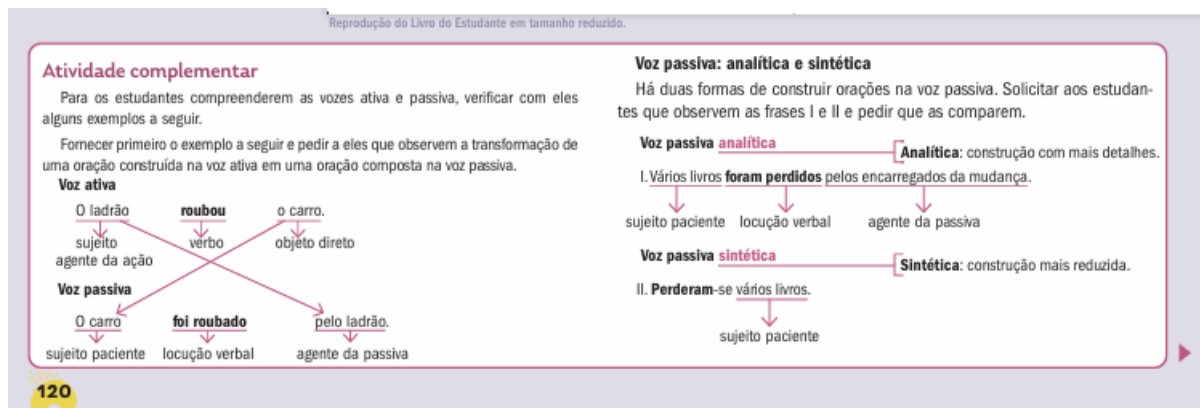
Nessas orações, a partícula *se* que aparece junto ao verbo tem a função de indeterminar o sujeito.

A posição do sujeito em relação ao verbo

(Trinconi; Bertin; Marchezi, 2024, p. 117)

Nessa mesma unidade, os autores abordam as vozes do verbo, incluindo a formação sintética da voz passiva, o que não foi feito no livro didático anteriormente analisado.

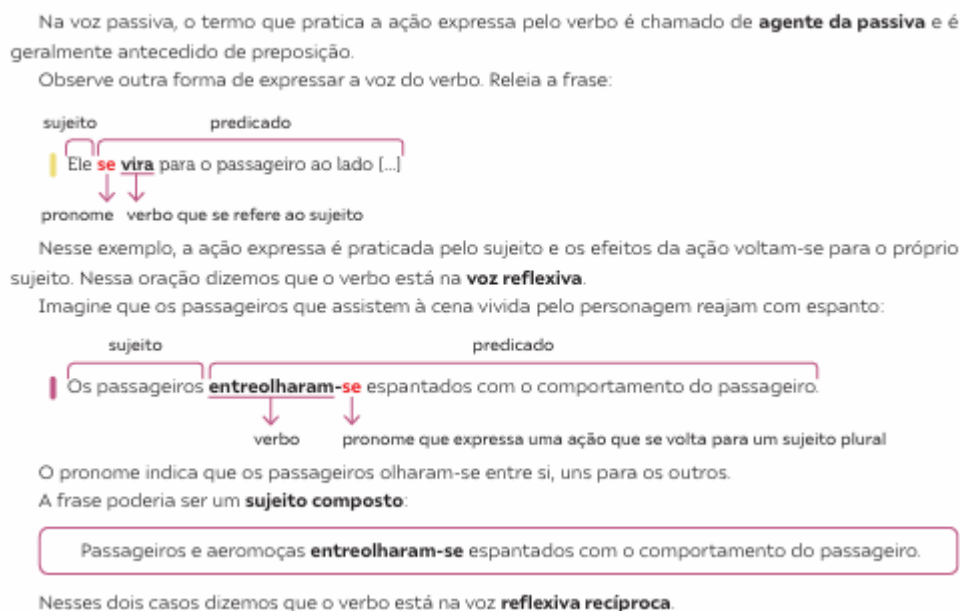
Figura 6: Voz passiva segundo o livro Teláris Essencial Português



(Trinconi; Bertin; Marchezi, 2024, p.120)

Além disso, na sequência, além do ‘se’ apassivador, o livro ressalta a formação das vozes reflexiva e recíproca.

Figura 7: Vozes reflexiva e recíproca segundo o livro Teláris Essencial Português



(Trinconi; Bertin; Marchezi, 2024, p. 121)

Podemos perceber, então, que o livro didático “Teláris Essencial Português” apresenta a partícula “se” em suas diferentes funções gramaticais preconizadas pela análise tradicional, como pronome reflexivo, pronome reflexivo-recíproco, índice de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora. Vejamos um dos exercícios apresentados por esse livro:

Figura 8: Atividades do livro Teláris Essencial Português

- Leia e compare estes dois títulos de notícias:

I. Sem-teto ocupam prédio da Secretaria de Habitação de São Paulo

Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/sem-teto-ocupam-secretaria-de-habitacao-de-sao-paulo/>. Acesso em: 3 maio 2022.

II. Prédio no centro de BH é ocupado por sem-teto

Disponível em: www.hojeemdia.com.br/horizontes/pr%C3%A9dio-no-centro-de-bh-%C3%A9-ocupado-por-sem-teto-1.589140. Acesso em: 3 maio 2022.

Responda no caderno: 1. a) O sujeito é “sem-teto”, e ele pratica a ação.

a) Qual é o sujeito da oração do título I? O sujeito pratica ou sofre a ação expressa pelo verbo?

b) Qual é o sujeito da oração do título II? O sujeito pratica ou sofre a ação expressa pelo verbo?

c) Releia as frases I e II desta questão e indique qual título está na voz ativa e qual está na voz passiva.
O sujeito é “Prédio no centro de BH”, e ele sofre a ação.
Voz ativa: título I; voz passiva: título II.

d) No título II é possível identificar o agente da ação. Qual é esse agente? Sem-teto.

e) Converse com os colegas e o professor: Cada título de notícia destaca o agente da ação ou aquele sobre o qual recai a ação? Que efeito isso causa no leitor? Depois, registre uma conclusão no caderno.
Sugestão: No título I, a ênfase da responsabilidade é dada ao agente da ação (o sujeito “sem-teto”); já no título II, a ênfase é concentrada naquele sobre o qual recai a ação (o sujeito “prédio no centro de BH”). No título I, enfatiza-se quem faz a ação; já no título II, o enfoque é para o local onde ocorreu a ação, e não para o agente da ação.

(Trinconi; Bertin; Marchezi, 2024, p.121)

Essa atividade é interessante porque, além de trabalhar questões mais pontuais da formação tradicional, leva o aluno a refletir acerca do uso das vozes e a mudança que ocorre em relação ao sentido na sentença. Entretanto, os outros exercícios, assim como esse, não exploram a partícula ‘se’.

Desse modo, apesar do livro abordar o uso de tal partícula, nenhuma das atividades propostas faz o aluno colocar em prática o aprendizado teorizado sobre esse assunto específico. Além disso, o tratamento oferecido deixa de lado os outros tipos de ‘se’ presentes em nossa língua, como é o caso do ‘se’ incoativo, que, como já apontamos, ocorre com 436 verbos, e o ‘se’ médio, que ocorre com verbos de movimento, como *sentar*, *mexer*, *deitar*, *levantar* entre outros.

Vejam, agora, a análise do último livro que escolhemos, utilizado na instituição particular Colégio ABC Anglo.

3.1.3 Formação Geral Anglo - Caderno do Aluno 6

Nesse material, na unidade destinada aos verbos, ao abordar as vozes verbais, os autores fazem uma seção exclusiva para a partícula ‘se’. Ela é classificada como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito e pronomes reflexivo e recíproco. Vejam os *prints* a seguir.

Figura 9: Funções do pronome ‘se’ segundo o livro Formação Geral Anglo

2» Funções do pronome se

- **Pronome se como partícula apassivadora:** acompanha verbo transitivo direto, com sujeito sempre presente na frase, com o qual deve concordar. É o elemento formador da voz passiva sintética, forma equivalente à voz passiva analítica (com locução verbal). A voz verbal em cada um dos enunciados da imagem confere diferentes destaques: Em “Compro ouro”, a voz ativa realça o sujeito que faz a transação; em “Compra-se ouro”, a voz passiva sintética ressalta o metal precioso, sem chamar atenção para quem o adquire. Equivale à voz passiva analítica “Ouro é comprado”.



Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/10/ourives-resistem-criminalidade-e-atuam-no-centro-da-cuiaba.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

- **Pronome se como índice de indeterminação do sujeito:** ao acompanhar verbos transitivos indiretos, intransitivos ou de ligação, o pronome se é empregado para indeterminar o sujeito de orações na voz ativa, o que faz com que o verbo fique sempre na 3ª pessoa do singular. Em “A família de que se fala” – ou “Fala-se da família” – e “A família de que se sofre” – ou “Sofre-se da família” –, os verbos *falar* e *sofrer* são transitivos indiretos e não apresentam sujeito expresso na frase. Por isso, permanecem no singular, mesmo se houvesse a pluralização do substantivo *família*.



- **Pronome se reflexivo:** ele é empregado em orações com sujeito expresso e tem função analítica, ou seja, remete a ação ao próprio sujeito (que tem papel simultâneo de agente e paciente). Em “Não se cale!”, o pronome pode ser substituído por paráfrases como “a si mesmo”, “a si próprio”. Em frases com sujeito composto ou núcleos no plural, o pronome *se* pode indicar **reciprocidade**: o sujeito executa a ação e é paciente da ação promovida pelo outro agente. Em “Os amantes se olhavam com a certeza do fim”, o pronome recíproco *se* pode ser parafrazeado por “um ao outro”.

(Júnior, 2021, p. 24 e 25)

Diferentemente dos materiais analisados anteriormente, esse livro apresenta mais variedades de uso da partícula ‘se’, tentando relacioná-la a diferentes tipos de significado. São fornecidas as seguintes atividades:

Figura 10: Atividades do livro Formação Geral Anglo



Leia o texto abaixo e responda à questão.

Voltando a Atenas e aos professores de retórica, uma das técnicas mais utilizadas por eles, para arejar a cabeça dos atenienses contra o discurso do senso comum, era a de criar paradoxos – opiniões contrárias ao senso comum – levando, dessa maneira, seus ouvintes ou leitores a experimentarem aquilo que chamavam MARAVILHAMENTO. [...]

Uma das técnicas do paradoxo era criar discursos a partir de um antímodo, ou seja, **escolhia-se** algum tema sobre o qual já houvesse uma opinião formada pelo senso comum e **escrevia-se** um texto contrariando essa opinião. Era o antímodo. Houve momentos em que floresceram em Atenas discursos iniciados sempre pela palavra **contra**: *Contra os Físicos, Contra Érebro* etc. [...]

ABREU, Antônio Suínez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Curitiba: Arelia Editorial, 2005. p. 31-32.

O pronome **se** desempenha diferentes funções sintáticas, e seu uso sofre variação conforme o grau de formalidade da língua. Analise as duas ocorrências desse pronome destacadas no texto e, em seguida, assinale a alternativa que faça um comentário **equivocado** sobre elas.

28

- a) A forma sintética [verbo + **se**] pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por locuções verbais equivalentes, em ambos os casos.
- b) O pronome **se** é chamado, nos dois casos, de pronome apassivador, haja vista que há sujeitos pacientes em ambas as orações.
- c) Como não há sujeitos explícitos nas duas orações, o pronome **se** funciona como índice da indeterminação dos sujeitos.
- d) Se os termos **tema** e **textos** fossem flexionados no plural, os verbos escolher e escrever também deveriam ir para o plural.
- e) Diferentemente do que pode ocorrer na voz passiva analítica, o agente da passiva não costuma ser empregado na passiva sintética.

(Júnior, 2021, p. 28)

Figura 11: Continuação das atividades do livro Formação Geral Anglo

5 Leia o texto a seguir.

PROCURAM-SE DOMÉSTICAS. PAGA-SE BEM

[...] Com a abertura de vagas em outros setores de prestadores de serviços, como comércio e empresas de telemarketing, por exemplo, está ocorrendo uma migração de profissionais entre os segmentos. [...]

CHIARA, Márcia de. *O Estado de S. Paulo*, 14 jan. 2013.
Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,procuram-se-domesticas-paga-se-bem-,983992,0.htm>. Acesso em: 31 maio 2021.

a) Como se classifica o pronome **se** em cada um dos verbos que compõem o título do texto? Justifique sua resposta.

b) Por que o primeiro verbo do título está flexionado no plural, e o segundo, no singular? Justifique sua resposta com base na classificação do pronome **se** em cada uma das ocorrências.

(Júnior, 2021, p. 29)

Embora o livro apresente mais possibilidades de ocorrências da partícula ‘se’, as atividades ainda focam apenas questões terminológicas de classificação desse elemento linguístico, além de também não mencionar o ‘se’ incoativo e o médio.

3.1.4 Conclusão das Análises

Nas seções de 3.1.1 a 3.1.3 analisamos dois livros aprovados pelo PNLD e, portanto, adotados em instituições públicas, bem como o livro “Formação Geral Anglo - Caderno do Aluno 6”, adotado na instituição privada Colégio ABC Anglo, em Patrocínio, Minas Gerais. Concluímos que a gramática tradicional é a fonte de referência adotada por todos os livros, de modo que os materiais apresentam as seguintes classificações funcionais da partícula ‘se’: utilização como pronome oblíquo átono, partícula apassivadora, pronome reflexivo e índice de indeterminação do sujeito.

Contudo, o grau de ligação entre essas classificações, as funções sintáticas e os efeitos semânticos dos usos dos diferentes tipos dessa partícula é muito superficial, mesmo no material adotado pelo Colégio Anglo, considerado o mais completo entre eles. Além disso, como já mencionamos, todos os livros analisados ignoram a existência de outros tipos de ‘se’: o ‘se’ incoativo (exs.: *o vaso (se) quebrou; a porta (se) abriu*) e o ‘se’ médio, atrelado ao sentido de movimento dos verbos (exs.: *a menina (se) sentou; a criança (se) mexeu*). Ignorar a existência desses usos da partícula ‘se’ equivale a deixar de lado o conhecimento internalizado que os falantes têm de sua língua, principalmente porque estamos lidando com um tipo de formação de sentenças muito recorrentes no português brasileiro.

Diante dessa lacuna deixada pelos livros didáticos, vejamos, na seção a seguir, uma proposta didática, baseada nos estudos linguísticos, para o tratamento da partícula ‘se’ na Educação Básica.

3.2 A proposta de Paraguassú (2024)

Com o objetivo de aprofundar nossos estudos, bem como de auxiliar-nos na produção de nossa proposta didática, analisamos o trabalho de Paraguassú (2024), o qual discorre sobre o ensino das diferentes funções da partícula ‘se’ por meio de propriedades semânticas. A autora se ampara na gramática de Said Ali (1964), que aborda uma visão mais descritiva e, inclusive, a ocorrência da voz média, porém de maneira distinta do proposto por Bechara (2009), autor este sobre o qual discorreremos no Capítulo 2. Segundo Said Ali (1964), *apud* Paraguassú (2024, p.141), entende-se por voz média:

1. Ação rigorosamente reflexa, que o sujeito em vez de dirigir para algum ente exterior, pratica sobre si mesmo. Ex.: *Pedro matou-se*.

2. Estado ou condição nova, equivalendo a forma reflexa à combinação de ficar com particípio do pretérito. Ex.: *Renato feriu-se nos espinhos [= ficou ferido]*.

3. Ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, idêntico ao que executa em coisas ou em outras pessoas, sem haver propriamente a ideia de direção reflexa como no 1º caso. Ex.: *A mãe deitou-se na cama [à semelhança de: deitou a criança na cama]*.

4. Ato em que o sujeito aparece vivamente afetado. Ex.: *Todos se queixaram da grave injustiça*.

Paraguassú (2024) adota os mesmos tipos de ‘se’ propostos por Said Ali (1964), mas os denomina de forma distinta, a saber:

(i) Voz média-reflexiva: o verbo atribui ao seu único argumento, que está na posição de sujeito, a função semântica de desencadeador do evento e de afetado ao mesmo tempo.

Ex.: O José se penteou.

(Paraguassú, 2024, p. 149)

(ii) Voz média-recíproca: o verbo atribui ao seu único argumento, que designa indivíduos distintos, as funções semânticas de desencadeador do evento e a de afetado, sendo que um indivíduo age sobre o outro.

Ex.: Pedro e João se trombaram.

(Paraguassú, 2024, p. 149)

(iii) Voz média- incoativa: é o resultado do fenômeno *alternância causativa-incoativa*, visto no capítulo 2 do nosso trabalho.

Ex.: A porta (se) fechou com o vento.

(Paraguassú, 2024, p. 151)

Nessa sentença, *o vento* é desencadeador da ação proposta pelo verbo *fechar* e *a porta* é o elemento afetado, haja vista ser contraditório dizer que o “vento fechou a porta, mas a porta

não teve o seu estado alterado” (Paraguassú, 2024, p. 151). A partícula ‘se’ está entre parênteses, pois a própria autora reconhece a sua opcionalidade.

(iv) Voz média que denota ato próprio: verbos que denotam situações intrinsecamente realizadas pelo elemento que ocupa a posição de sujeito da voz média. O sujeito recebe a propriedade de desencadeador e de afetado ao mesmo tempo. A partícula ‘se’ está entre parênteses, pois a autora também reconhece a sua opcionalidade.

Ex.: Ana (se) sentou.

(Paraguassú, 2024, p. 153)

(v) Voz média-inerente: os verbos, nesse caso, são essencialmente pronominais, isto é, o pronome reflexivo é inerente ao verbo. O sujeito exerce a propriedade de desencadeador da ação.

Ex.: O Joãozinho (se) comportou.

(Paraguassú, 2024, p. 154)

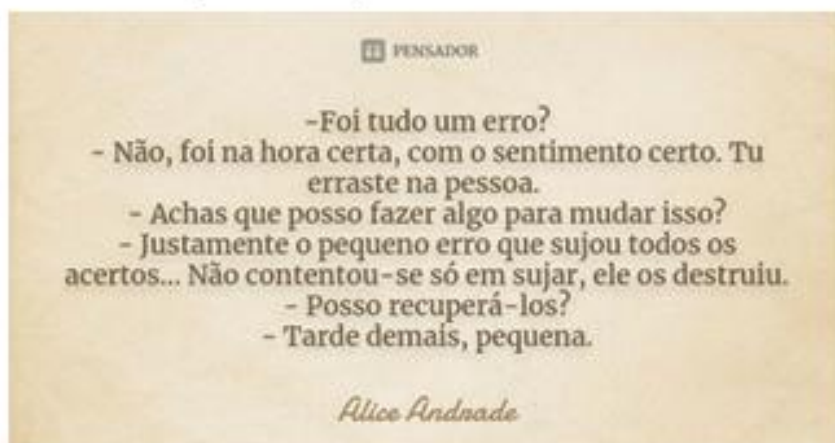
Ao final do texto, Paraguassú (2024) propõe a realização de quatro atividades, sendo duas delas de aferição da leitura de sua proposta e duas sobre os usos da partícula ‘se’. Apresentamos estas a seguir:

Figura 12: Atividade proposta por Paraguassú (2024)

ATIVIDADE 2

Leia o diálogo abaixo:

Figura 4 – Post para estudo da voz média



Fonte: Pensador⁵

Considere o que aprendeu sobre as propriedades de papéis temáticos e as diferenças entre os tipos de voz média e assinale a alternativa **INCORRETA**:

- A sentença 'O pequeno erro não contentou-se só em sujar.' está na voz média inerente.
- Os argumentos que ocupam a posição de sujeito de sentenças em voz média incoativa recebem ambas as propriedades de papel temático DESENCADEADOR e CONTROLE.
- A sentença 'O pequeno erro **sujou** todos os acertos.' está na voz ativa e pode ser passada para a voz média incoativa.
- Na voz média incoativa, a presença do pronome reflexivo não é obrigatória. Na voz média reflexiva, é obrigatória.
- A voz média recíproca acomete alguns verbos quando acompanhados de sujeitos plurais.

(Paraguassú, 2024, p. 159)

Figura 13: Continuação das atividades propostas por Paraguassú (2024)

ATIVIDADE 3

Considere a frase exposta na figura a seguir e responda o que se pede:

Figura 5 – Post para análise dos papéis temáticos



Fonte: Pensador⁶

- a) O verbo *ofender* aparece em duas orações, cada qual em uma voz: na primeira oração, em voz média, e, na segunda, em voz ativa. Indique, para cada um dos casos, quais propriedades de papéis temáticos tal verbo está atribuindo às entidades envolvidas.
- b) Identifique o tipo de voz média em que o verbo *ofender* se encontra na primeira oração. Explique o porquê, caracterizando tal tipo de voz média.

(Paraguassú, 2024, p. 159 e 160)

A proposta da autora certamente apresenta avanços no que diz respeito ao tratamento da partícula ‘*se*’ na Educação Básica. Entretanto, ainda observamos problemas em seu trabalho. Inicialmente, ela trata sob o mesmo rótulo de ‘voz média’ tipos de ‘*se*’ completamente diferentes entre si, tanto do ponto de vista semântico, quanto sintaticamente. Enquanto, nas ocorrências de ‘*se*’ reflexivo e recíproco, esse elemento tem papel de argumento verbal, como mostramos no capítulo dois, isso não ocorre nas formas incoativa e na que a autora chama de

“voz média que denota ato próprio”. Além disso, ela não diferencia o fato de o ‘se’ incoativo ser fruto de uma alternância verbal, enquanto o de ato próprio não o ser. Vejamos os exemplos:

(32) a. A ventania abriu a porta.

b. A porta (se) abriu (com a ventania).

(33) a. A mãe sentou a criança na cadeira.

b. A criança (se) sentou na cadeira.

Enquanto a sentença em (32b) é a forma incoativa da sentença em (32a), denotando apenas o resultado do evento de *abrir*, a frase em (33b) não é uma forma alternada de (33a), pois elas veiculam eventos distintos no mundo. Em (33a), *a mãe* recebe o papel temático de Agente, enquanto *a criança* recebe o papel de Objeto Afetado pelo verbo *sentar*. Por outro lado, em (33b), a própria criança recebe o papel de Agente da ação.

Sobre as atividades propostas por Paraguassú (2024), percebemos que elas não fogem ao estilo de exercícios apresentados pelos livros didáticos, pois visam apenas à identificação do tipo de ‘se’ utilizado nas frases, sem haver nenhuma reflexão acerca das diferenças de sentido apresentadas nem tão pouco uma sistematização sobre a estrutura sintática das sentenças quanto à presença dessa partícula.

Desse modo, tendo mostrado as lacunas deixadas pelo trabalho da autora, assim como pelos livros didáticos, no capítulo seguinte, apresentamos nossa proposta didática, que foca a diferenciação dos ‘se’ reflexivo, incoativo e médio, sendo este último equivalente ao denominado, por Paraguassú (2024), de “voz média que denota ato próprio”.

CAPÍTULO 4: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O TRATAMENTO DA PARTÍCULA ‘SE’ NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tendo em vista as análises feitas no decorrer deste estudo, cabe, agora, a apresentação de uma proposta didática, ao nosso ver eficiente, para o trabalho com a partícula ‘se’ na Educação Básica. Para a construção desta proposta, nós nos baseamos nos tipos de ‘se’ apresentados por Cançado e Amaral (2016) e na noção de papéis temáticos. Como já dissemos anteriormente, focaremos a diferenciação do ‘se’ reflexivo (ex.: *a menina se lavou*), incoativo (ex.: *o vaso se quebrou*) e médio (ex.: *a menina se sentou na cadeira*).

Além disso, para a produção de nossas atividades, seguimos a taxonomia de níveis de complexidade dos objetivos educacionais, proposta por Bloom et al. (1956). Essa taxonomia, mesmo que datada da década de 50, é reconhecida e utilizada pelos educadores atualmente, como apontam Ferraz e Belhot (2010). Ela apresenta uma estrutura hierárquica para organizar os objetivos do ensino, considerando a categorização de diferentes níveis cognitivos. A primeira categoria cognitiva é chamada de “conhecimento” e se refere à habilidade de lembrar informações e conteúdos previamente abordados como fatos, datas, palavras, teorias, classificações, regras, critérios e procedimentos. A segunda categoria, denominada “compreensão”, diz respeito à habilidade de compreender e dar significado ao conteúdo, traduzindo-o para uma nova forma, que pode ser oral, escrita, digital, etc. A terceira categoria, chamada de “aplicação”, envolve a habilidade de usar informações, métodos e conteúdos aprendidos em novas situações concretas. A quarta categoria, conhecida como “definição”, se refere à habilidade de subdividir o conteúdo em partes menores com a finalidade de entender a estrutura final. A quinta categoria, denominada “síntese”, diz respeito à habilidade de combinar partes não organizadas para formar um “todo”. Por fim, a última categoria, chamada de “avaliação”, está relacionada à habilidade de julgamento crítico.

Assim, percebemos que a progressão das categorias se inicia com habilidades básicas, como recordar e entender informações, e evolui até capacidades mais complexas, como usar o conhecimento, examinar situações, julgar criticamente e inovar. Apesar de ter sido criada há muito tempo, a Taxonomia de Bloom continua relevante e muito usada na educação. Ela ajuda a criar atividades que abrangem desde a memorização até a criação de novas ideias, incentivando um aprendizado mais profundo e com senso crítico.

Desse modo, buscamos desenvolver atividades que trabalhem saberes relacionados a domínios cognitivos classificados por Bloom et al. (1956) como intermediários e avançados, pois motivam atividades de análise, aplicação de conhecimento, capacidade de generalização

e julgamento crítico. A seguir, veremos, então, duas propostas de dinâmicas e três atividades para serem aplicadas em sala de aula.

DINÂMICA 1: Sugerimos que esta dinâmica funcione como uma atividade diagnóstica, aplicada antes de o professor explicar o conteúdo sobre a partícula ‘se’ aos alunos. Nela, será trabalhado o conhecimento linguístico internalizado que os alunos têm a respeito dos usos e dos significados da partícula ‘se’, para depois se apresentar a teoria sobre o funcionamento dessa partícula.

Comando: Dividam-se em 6 grupos, sendo que cada grupo deve pensar em uma maneira de encenar cada um dos eventos descritos pelas frases a seguir:

- a. A menina se beijou.
- b. A menina se sentou.
- c. O cabelo da menina se embaraçou com os movimentos de dança.
- d. O menino se levantou.
- e. O menino se viu no espelho.
- f. A menina se machucou com o tombo.

Após cada grupo fazer a encenação de uma das sentenças, reflitam em conjunto (repitam as encenações, caso necessário):

1. Na sentença ‘*A menina se beijou*’, quem a menina beija? Qual outra sentença parece ter o mesmo tipo de significação?

Resposta esperada: a menina beija ela mesma/ a si mesma. A sentença que apresenta o mesmo tipo de significação é ‘*O menino se viu no espelho*’.

2. Em ‘*A menina se sentou*’, podemos dizer que ‘a menina sentou ela mesma’ ou essa frase soa estranha para você? Qual outra sentença parece se comportar da mesma maneira?

Resposta esperada: a frase ‘*A menina sentou ela mesma*’ soa estranha e é bem menos natural do que ‘*A menina beijou ela mesma/ a si mesma*’. A outra sentença que se comporta da mesma maneira é ‘*O menino se levantou*’.

3. Em ‘*A menina se machucou com o tombo*’, a menina pratica a ação de se machucar ou é o tombo que ela levou que a machuca?

Resposta esperada: é o tombo que a machuca.

4. E sobre a sentença ‘*O cabelo da menina se embaraçou com os movimentos de dança*’, podemos dizer que são os movimentos de dança que o embaraçam?

Resposta esperada: sim.

5. Qual elemento linguístico todas as 6 sentenças apresentam em comum?

Resposta esperada: a partícula ‘se’.

6. Em 4 delas esse elemento pode ser retirado da frase sem gerar nenhum prejuízo para a formação da sentença e para a sua interpretação. Que sentenças são essas?

Resposta esperada: as sentenças: (i) *a menina sentou*; (ii) *o cabelo da menina embaraçou com os movimentos de dança*; (iii) *o menino levantou*; (iv) *a menina machucou com o tombo*.

7. Embora se comportem sintaticamente da mesma maneira em relação a esse elemento linguístico, os sujeitos dessas 4 sentenças têm o mesmo papel na ação? Podemos dizer que todos são agentes, no sentido de que eles praticam a ação descrita pelo verbo?

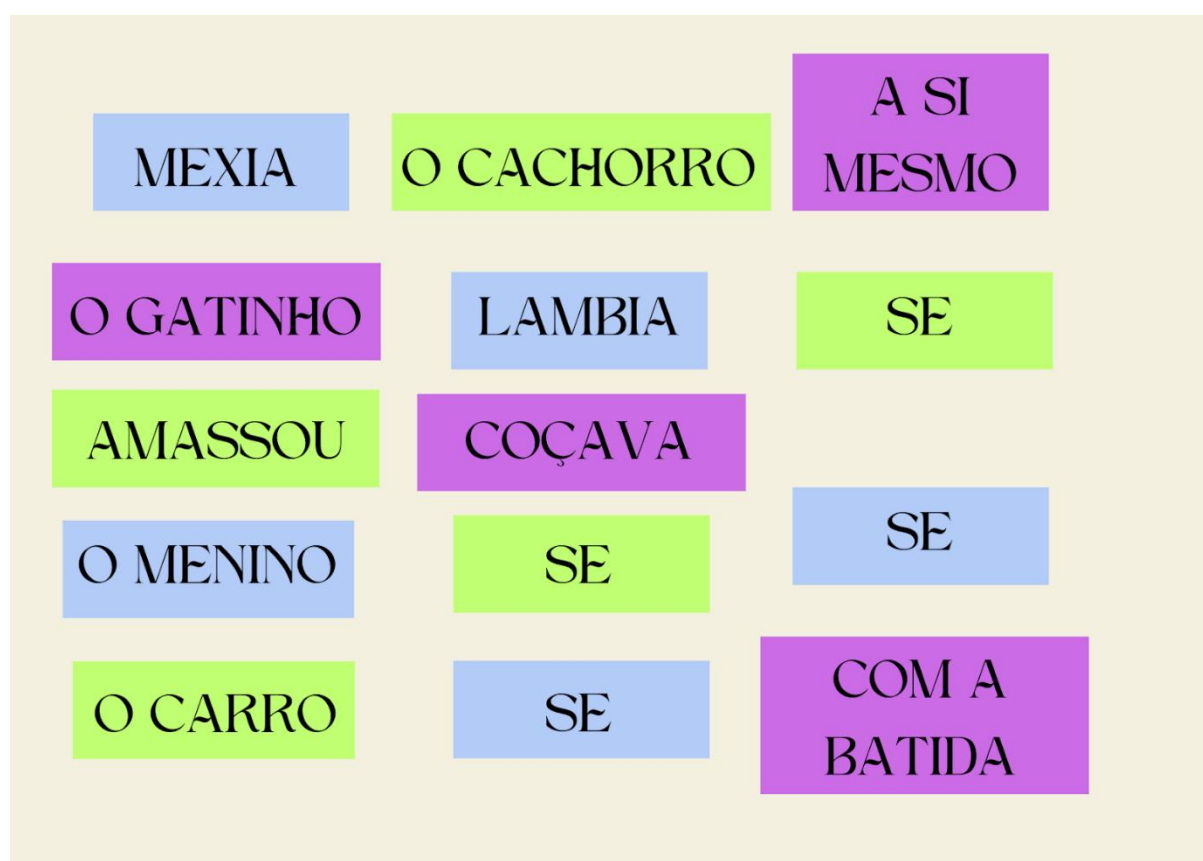
Resposta esperada: os sujeitos dessas 4 sentenças não têm o mesmo papel nas ações descritas pelos verbos. Em ‘*A menina (se) sentou*’ e ‘*O menino (se) levantou*’, os sujeitos são agentes, pois praticam as ações de sentar e de levantar. Porém, em ‘*O cabelo da menina (se) embaraçou com os movimentos de dança*’ e ‘*A menina (se) machucou com o tombo*’, os sujeitos sofrem as ações descritas pelos verbos: o cabelo da menina fica embaraçado e a menina fica machucada.

8. Nas 2 sentenças que não podem ter esse elemento apagado, qual o papel dele? Você consegue imaginar por que ele não pode ser omitido?

Resposta esperada: As sentenças que não podem ter o ‘se’ suprimido são: (i) ‘*A menina se beijou*’ e (ii) ‘*O menino se viu no espelho*’. Esse elemento não pode ser apagado, pois representa quem foi beijada (a própria menina) e quem foi visto no espelho (o próprio menino).

DINÂMICA 2: Sugerimos que esta dinâmica seja aplicada logo após o professor ter explicado o conteúdo sobre a partícula ‘se’, baseando-se na dinâmica desenvolvida anteriormente. Para esta segunda atividade, o professor deve trazer os constituintes formadores de sentenças apresentados a seguir cortados em quadradinhos e misturados em algum recipiente. Sugerimos que ele aproveite os mesmos 6 grupos formados na atividade diagnóstica e entregue a cada um deles um recipiente com todos os quadradinhos de constituintes embaralhados.

Figura 14: Constituintes recortados



Após distribuir os recipientes com os constituintes embaralhados, os grupos devem seguir os seguintes comandos:

1. Monte 4 sentenças diferentes utilizando todos os elementos linguísticos presentes no recipiente.

Resposta esperada: é possível a formação de todas as sentenças a seguir.

O menino se mexia. / O gatinho se mexia. / O cachorro se mexia.

O gatinho se lambia. / O cachorro se lambia. / O menino se lambia.

O cachorro coçava a si mesmo. / O gatinho coçava a si mesmo. / O menino coçava a si mesmo.

O carro se amassou com a batida.

2. Compare as sentenças montadas entre os grupos.

Resposta esperada: com a comparação, o professor averiguará a aplicação da intuição linguística dos alunos.

3. Existe um elemento comum a 3 sentenças. Qual é ele?

Resposta esperada: a partícula ‘se’.

4. Agora, retire esse elemento dessas frases. Em qual(is) delas essa retirada não gerou prejuízo para a interpretação? Em qual(is) delas a supressão do elemento em questão é problemática?

Resposta esperada: sentenças em que o ‘se’ pode ser suprimido: (i) o gatinho/o cachorro/ o menino mexia; (ii) o carro amassou com a batida. Sentenças em que o ‘se’ não pode ser apagado: (i) o gatinho/o cachorro/ o menino se lambia.

5. Nas sentenças em que o elemento linguístico em questão não pode ser suprimido, tente substituí-lo pelo elemento ‘a si mesmo’. Essa troca deu certo? Você consegue explicar por quê?

Resposta esperada: o gatinho/ o cachorro/ o menino lambia a si mesmo.

A troca deu certo, pois o elemento ‘se’ equivale à expressão ‘a si mesmo’, ou seja, ambos desempenham a função sintática de objeto do verbo.

ATIVIDADE 1: Esta atividade trabalhará com as habilidades interpretativas do aluno e com a transposição da compreensão dos tipos de ‘se’ para outros contextos.

Comando: Observe o texto a seguir e a presença da partícula ‘se’ na frase.

Figura 15: Atividade 1



Fonte: <https://www.professorjeanrodrigues.com.br/2024/11/atividade-sobre-funcoes-do-se.html>

Refleta:

(i) Essa partícula se refere a qual elemento linguístico?

Resposta esperada: ao sujeito do verbo ‘machucar’ – *ninguém*.

(ii) Existe um agente verbalmente explícito para a ação de machucar?

Resposta esperada: não.

(iii) Quem você entende como o agente da ação de machucar?

Resposta esperada: o personagem que está segurando a cadeira.

(iv) Baseando-se nas respostas anteriores, qual parece ser a função de sentido da partícula ‘se’?

Resposta esperada: mostrar que o sujeito do verbo ‘*machucar*’ (*ninguém*) sofre a ação descrita pelo verbo, enquanto o agente é percebido pelo texto não verbal. Em outras palavras, há um apagamento linguístico do agente da ação de machucar.

ATIVIDADE 2: Esta atividade, assim como a 3, trabalhará com as habilidades interpretativas do aluno e com a transposição da compreensão dos tipos de ‘*se*’ para outros contextos.

Comando: observe mais um texto que apresenta a partícula ‘*se*’.

Figura 16: Atividade 2



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2569232556641507&id=1563272653904174&set=a.1749856868579084>

Agora reflita:

(i) O que gera o humor no texto? É algo parte da linguagem verbal?

Resposta esperada: o humor é gerado pela interação das linguagens verbal e não verbal, mais especificamente pela imagem da mesma pessoa acordando em um lugar claramente diferente de onde estava dormindo.

(ii) A partícula ‘*se*’ faz referência a qual elemento linguístico?

Resposta esperada: ao sujeito do verbo ‘*mexer*’ – *você*.

(ii) Existe um agente verbalmente explícito para a ação de mexer?

Resposta esperada: sim, o próprio pronome ‘*você*’.

(iii) Essa partícula ‘*se*’ poderia ser substituída pela expressão ‘*a si mesmo*’?

Resposta esperada: não, pois a frase ‘*você mexe muito a si mesmo quando dorme?*’ é estranha.

(iv) Baseado na sua resposta anterior, você diria que essa partícula ‘*se*’ pode ser classificada como pronome reflexivo?

Resposta esperada: não, pois a sentença não representa um evento em que o sujeito verbal age e sofre a ação; ele pratica um tipo de movimento com seu próprio corpo.

ATIVIDADE 3: Esta atividade trabalhará com a capacidade de julgamento crítico do aluno.

Comando: Para finalizar, compare os pares sentenças a seguir:

a. O doente morreu.

a’. A menina se machucou com o tombo.

b. A menina se lavou antes de dormir.

b’. O menino se mexe muito durante o sono.

Baseado em tudo o que vimos sobre a partícula ‘*se*’ nas quatro atividades que desenvolvemos anteriormente, você acha que a gramática está certa ao afirmar que as sentenças em (a) estão na voz passiva e ambas as sentenças em (b) estão na voz reflexiva? Justifique seu raciocínio.

Resposta esperada: não, pois nem todo sujeito que sofre a ação verbal (sujeito paciente) está em uma sentença na voz passiva. Ambas as sentenças em (a) apresentam o verbo na forma ativa, independentemente da presença da partícula ‘*se*’. Já nas sentenças em (b), enquanto ‘*a menina se lavou antes de dormir*’ descreve uma ação que a menina realizou sobre si mesma (*a*

menina lavou a si mesma antes de dormir), a sentença em (b') descreve um evento que o menino realiza com seu próprio corpo, mas não exatamente sobre si mesmo, já que a sentença '*o menino mexe muito a si mesmo durante o sono*' é estranha.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que as gramáticas e os livros didáticos convencionais apresentam um tratamento superficial e incompleto da partícula ‘se’, focando predominantemente nas vozes passiva e reflexiva e negligenciando usos recorrentes como o ‘se’ incoativo e o ‘se’ médio. Essa lacuna no Ensino Básico, como defendido na hipótese deste trabalho, impede que os alunos desenvolvam um domínio mais aprofundado e crítico de sua própria língua.

Diante disso, acreditamos que a proposta didática apresentada, baseada nos estudos na Interface Sintaxe-Semântica Lexical e na Taxonomia de Bloom, representa uma contribuição significativa para a área de ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, pois ao focarmos a diferenciação semântica e sintática dos diferentes tipos de ‘se’, buscamos estimular o conhecimento internalizado dos alunos, incentivando a reflexão e a análise, em vez da simples memorização e classificação.

Por fim, este trabalho aponta para a necessidade de se repensar a metodologia de ensino de gramática na Educação Básica, sugerindo que uma abordagem mais integrada, que considere a sintaxe e a semântica em diálogo, pode gerar um aprendizado mais eficaz, crítico e duradouro. Para pesquisas futuras, seria relevante aplicar e testar a eficácia de nossa proposta didática em sala de aula, bem como expandir a análise para outras ocorrências da partícula ‘se’, como o ‘se’ índice de indeterminação do sujeito e o formador de voz passiva sintética.

REFERÊNCIAS

ANGLO. Ensino Médio: formação geral básica. *Caderno 6*. São Paulo: SOMOS Sistemas de Ensino, 2021.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHIR, T. *Uma análise sintático-semântica dos verbos transitivos indiretos do português brasileiro*. 2020. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BLOOM, B.; ENGLEHART; FURST; HILL; KRATHWOLH. *Taxonomy of educational objectives*. v. 1. New York: David Mckay, 1956.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa- Revista de Linguística*. Assis, v. 44, p. 215-233, 2000.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.. *Banco de Dados Lexicais VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb/>. Acesso em: 20 maio 2025.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. v. I. Verbos de mudança, 1 ed. Editora da UFMG, 2013.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 49 ed. Companhia Editora Nacional, 2020.

CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FERRAZ, A.P.C.M.; BELHOT, R.V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gestão e Produção*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010

FILLMORE, C. [1970]. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. (org.). *Form and meaning in language: papers on semantics roles*. Stanford: CSLI Publications, 2003, p. 123-139.

HASPELMATH, M. More on typology of inchoative/ causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. (eds.). *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 87-120.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Guia de livros didáticos - Anos Finais do Ensino Fundamental - PNLD 2024*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2023.

PAIVA, A.M. (ed.). *Araribá Conecta Português: 8º ano*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2022.

PAIVA, A.M. (ed.). *Araribá Conecta Português: 9º ano*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2022.

PARAGUASSÚ, L A. A semântica da voz média: uma contribuição dos papéis temáticos para o ensino. MÜLLER, A.; PARAGUASSU, N. (orgs.). *Ensino de gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro*. v. 2. Campinas: Pontes, 2024, p. 130-161.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editora da UnB. 1964.

SANCHEZ-MENDES, L. Ensino de voz passiva: caracterização semântica e desdobramentos discursivos. MÜLLER, A.; PARAGUASSU, N. (orgs.). *Ensino de gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro*. v. 2. Campinas: Pontes, 2024, p. 105-129.

TRINCONI, A.; BERTIN, T. MARCHEZI, V. *Teláris Essencial Português: 8º ano*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2022.